

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
À FLOR DA PELE
14 de Agosto de 2025

CANIBA / 2017

Um filme de Verena Paravel e Lucien Castaing-Taylor

Realização, Fotografia e Montagem: Verena Paravel e Lucien Castaing-Taylor / Som: Verena Paravel, Lucien Castaing-Taylor e Nao Nakazawa / Com: Issei Sagawa, Jun Sagawa.

Produtores: Verena Paravel e Lucien Castaing-Taylor./ Cópia digital, colorida, com legendagem electrónica em português / Duração: 92 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Talvez em Portugal não tenha tido muito eco a história de Issei Sagawa, possivelmente a mais mórbida e obscena figura promovida a estrela da cultura popular (e não apenas da japonesa) nos últimos anos do século XX. Estudante de literatura, conseguiu, no princípio dos anos 80, uma bolsa para frequentar a Sorbonne, em Paris. Certa noite, convidou uma colega holandesa (é importante dizer o nome dela, sobretudo a propósito de um filme que dá ao espaço todo ao perpetrador e nenhum à vítima: Renée Hartevelt) por quem tinha uma fixação para um serão no seu quarto, que seria dedicado à leitura de poesia. E enquanto a infeliz Renée lia poesia em voz alta, Sagawa alvejou-a na nuca com um tiro de espingarda, matando-a instantaneamente. De seguida, violou o cadáver e começou a comê-lo, umas partes cruas e outras cozidas. O que não comeu, esquartejou e guardou no congelador. Umas noites mais tarde, por alguma razão, decidiu livrar-se desses restos e atirá-los para um lago no Bosque de Bolonha. Foi nessa acção que a polícia o surpreendeu, capturou, e descobriu a enormidade dos seus actos. Sagawa foi preso, e submetido a uma perícia psiquiátrica, que atestou a sua insanidade e, portanto, a falta de condições para ir a julgamento. Foi condenado ao internamento num hospital psiquiátrico, mas então o pai de Sagawa, aparentemente alguém com muito dinheiro e algum poder, moveu os cordelinhos legais para a sua extradição. Uma vez concedida, e já no Japão, foi submetido a novo exame psiquiátrico, que deu um resultado completamente diferente: para os psiquiatras japoneses, este homem era mentalmente são. Com o caso criminal fechado em Paris, e com o veredicto psiquiátrico japonês a não dar nenhuma razão para o seu internamento, Sagawa ficou em liberdade pelo resto da vida, vivendo muito à conta da sua triste fama: desenhou banda desenhada, entrou em filmes pornográficos e, num pormenor que leva a insanidade desta história para graus Hannibal Lecter, durante alguns anos escreveu crítica gastronómica (!) para uma revista japonesa. Morreu em 2022, com setenta e poucos anos, muito debilitado por uma trombose sofrida cerca de dez anos antes.

Foi já nesse período final da sua existência que Verena Paravel e Lucien Castaing-Taylor, artistas-antropólogos do Laboratório de Etnografia Sensorial da Universidade de Harvard, o foram filmar. **Caniba** foi o filme resultante desse encontro. Vemos Issei Sagawa, envelhecido e debilitado (a sua evidente fraqueza física e cognitiva duplica a abjeção do filme: este é um homem em completa perda de auto-consciência, é uma

ruína do que foi, é um homem que já não pode *responder*), em planos colados ao seu rosto, ao seu corpo, e à sua pele, como se essa pele fosse um mapa, um território, cuja exploração trouxesse alguma coisa de significativo ou revelador (*spoiler*: não traz). Ouvimos-lhes os monólogos fragmentados e incongruentes, como um exercício de xamanismo em que o corpo de Sagawa fosse intermitentemente tomado pelo fantasma do homem que foi – há qualquer coisa de potencialmente burroughsiano/cronenberguiano nesta relação com a palavra que brota da carne, como um fluxo de (in)consciência, mas não parece que o filme esteja interessado em explorá-lo, ou sequer que o reconheça. Como uma espécie de flash-backs, documentos das actividades “culturais” de Sagawa (as bandas desenhadas, as cenas do filme porno) são introduzidas na montagem, e vagamente comentadas pelo estupor permanente do homem. No aspecto que é porventura o mais estranhamente incomodativo de todos, por trás de Sagawa está sempre a silhueta de outro homem – é Jun, o seu irmão e cuidador, que aparentemente, por esta altura, passava os dias com ele. Quando Jun fala é ainda um multiplicador da abjeção, sobretudo no seu discurso de masoquista encartado quando se refere à perseguição da “dor perfeita” (parece ter sido uma família encantadora, a família Sagawa).

Nem sequer vamos pela interrogação do que é que isto tem a ver com “etnografia” (Paravel e Castaing-Taylor certamente teriam um arsenal de respostas para isso), mas é evidente que ela é muito mais “sensacionalista” do que “sensorial”. O olhar dos realizadores é mórbido, necrófilo, o trabalho da sua câmara sugere o movimento de moscas sobre um cadáver (que é o que, de certa forma, Sagawa já é), e como as moscas sobre um cadáver não há um “propósito”, não há uma “ideia”, apenas a satisfação de um instinto puramente funcional: devorar uma carcaça. E oferecer isso em espectáculo, o espectáculo de um “laboratório de voyeurismo sensorial” que se compraz no seu mergulho abjeccionista. Mesmo os textos críticos mais positivos notam isso, como esta passagem que vamos citar de um texto de Peter Goldberg publicado na revista online *Slant*: “(...) *Castaing-Taylor and Paravel seem unwilling to go beyond mere broaching and are content to record whatever Sagawa is willing to share with them. With no push to either interrogate or contextualize the man, the cool ethnographer’s detachment of the film comes to take on a sensationalistic tenor*”.

Totalmente de acordo, claro. Mas para nós, estas condições de definição do olhar do(s) cineasta(s) são o elemento *sine qua non*. Sem o qual não há. Sem o qual não há, sequer, um filme.

Luís Miguel Oliveira